

SERVENTIA DO DIZER POÉTICO

TARCÍSIO BREGALDA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Maíra Meyer Bregalda

PREFÁCIO
Johel Abdallah

CAPA
Billy Gibbons
Imagem de Ângelo Milani: 70cm x 50cm, tinta acrílica

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B833s BREGALDA, TARCÍSIO. - 1955
SERVENTIA DO DIZER POÉTICO / TARCÍSIO BREGALDA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

98 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-142-5

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Outro jeito de dizer

Para o Antonio Candido,
que certa vez falou:
“A utopia cria o homem superior”.

Uma gota de poesia
cravada no miolo do pensar
tem mais poder
que a mecânica quântica.

A anterioridade e a utopia
pulsam juntas
e nos trazem cura.

*

Carta ao poeta Manoel de Barros

(30/01/2010)

Com todo respeito e admiração
peço permissão para procurar a escova
que o senhor jogou fora.
Vou campear por toda a parte essa escova
e quando a encontrar...
Vou continuar o seu ofício
de escovar as palavras com ela,
porque eu também nunca andei bem da ideia.

*

Um João que deixou rastros

*“Mais vale quem amar madruga,
do que quem outro verbo conjuga.”*

João Guimarães Rosa

Um dedo de prosa aqui, mais um pouco ali,
e assim vai tomando corpo
a história e a definição de nossas vidas.
A dúvida, o tumor, o pré-estabelecido,
o porto além deste mundo.
A tentativa e o gesto
para se salvar uma nascente,
e o verbo amar a paginar o tempo
até se chegar ao capítulo
do imensurável nunca mais ver.

*

Infinitudes aos pedaços

A aridez toma conta dos sentidos.
Quase tudo cheirando a óleo diesel
e poeira fininha e preta,
tendo como palco
tristes andaimes humanos.
Porém algum lirismo ainda persiste:
dia desses fiquei sabendo
que o amigo Ângelo Milani,
(artista plástico genial),
lê para a sua filha, quando ela vai dormir,
alguns trechos do Dom Quixote.
Isso me entenece e esperança traz.
O seu Ateliê, que nome mais descabido,
nomeei de: Armazém de Infinitudes aos Pedaços,
porque é entranhado de cacos,
de feições livres, exuberantes,
e tudo o que o nosso imaginário quiser enxergar

tem nesse armazém de coisas
criadoras de cores e infinitudes.
Este Ângelo Milani pintou um quadro azul
que acabou sendo a capa do meu livro *Itineraru*.
Parece a lua, um pedaço dela, meia-lua,
parece um peixe no útero do oceano,
por trás da veneziana entreaberta
o amarelo da lua, agora cheia,
de signos, de nutrientes vermelhos,
e o pincel teimoso e fazedor de azuis
resplandecentes numa tela.
Os caminhos parecem não da terra,
combinam mais com os sonhos
com as coisas do espaço,
berçário de estrelas, primórdios,
buracos negros,
teorias e mais teorias.

A cor azul, a textura pulsante para o lado
de quem enxerga daqui
o lado de lá, magia tanta.
Neste exato momento,
neste meu piscar de olhos,
milhões de estrelas morrem
e outras milhões surgem no cosmo.
E a poesia continua varando os séculos,
e tanto pode caber no ventre humano,
ou numa caixinha de madeira,
ou ocupar as lacunas todas
do incomensurável universo.
No topo, no todo, e nas miudezas
do sequer imaginável,
apenas o pensar desmedido e humano
consegue no intangível azul esbarrar.

*

A menina que aprendeu a ler nas lápides

Para o Severino Antônio,
que presenciou essa história.

Uma quietude própria de eternidade dormindo
sob a inércia das pedras,
inscrições tumulares que despertam compaixão
e esperam uma breve leitura,
um mínimo afeto.

A menina que aprendeu a ler nas lápides
sabe o tempo todo
que sem a magia das adivinhações,
sem as brincadeiras e sem a música
ninguém consegue atravessar os abismos
e o fio da vida resseca.

A criança faz, refaz,
quer fazer a mesma coisa
mais de cem vezes

Posfácio do autor

Nesse meu livro *Serventia do Dizer Poético* cito alguns nomes que são gigantes universais, (gênios que nem conseguimos palavras para classificá-los).

Falo de várias outras pessoas também virtuosas e que estão no livro, não pelo fato de uma amizade, mas por serem criaturas infinitamente humanas, e que eu achei acertado apresentá-las a vocês.

Parafrazeando o Drummond, termino:

“Aos meus leitores, gratidão – essa palavra toda.”